

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Imprensa e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2347

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluído o suplemento semanal, Lisboa, mês 9550; Província, 3 meses 28550; África Portuguesa, 6 meses 66000; Estrangeiro, 6 meses 102000
PAGAMENTO ADIANTADO

TERÇA FEIRA, 27 DE JULHO DE 1926

“MALGRÉ TOUT”

A organização operária continua a criar novas células para enfrentar a luta contra o inimigo comum: o capitalismo

A organização operária, *malgré tout*, que os seus detractores propõem, continua a caminhar a passos certeiros para a sua “etapa” vitoriosa.

Depois do congresso de Tomar, realizado em Setembro de 1913 e em que os organismos operários resolveram criar a União Operária Nacional, a organização operária, com um organismo coordenador de todos a sua acção, vem parcimoniosa, mas seguramente, organizando os seus quadros, é dizer apetrechando-se para a luta contra o capitalismo.

A Tomar foi a organização na sua infância. Até à cidade do Nabão foram apenas os sindicatos operários, porque não havia Federações nem Uniões de Sindicatos em número suficiente para criarem uma Confederação.

Todavia a organização marcou a sua posição ideológica, fixou, pelo menos, a sua orientação política na sociedade portuguesa.

Veio o congresso de Coimbra, em 1919, e a organização operária saiu afim da sua infância: os sindicatos operários resolveram criar o organismo mãe das Federações e das Uniões de Sindicatos—a Confederação Geral do Trabalho.

Para que este organismo existisse de facto e de direito era mister criar as Federações e as Uniões.

Os sindicatos operários que o não tinham feito apressaram-se a organizar as suas federações. E nessa inteligência surgiram as seguintes Federações: Metalúrgica, Vinicola, Mobiliária e Conservas.

Mas os quadros da organização não ficavam completos com a criação destas Federações.

A organização só se completava, a C. G. T. só poderia marcar o lugar que lhe está reservado quando se constituíssem todas as células confederadas. E’ por isso, que os organismos sindicais dos manipuladores de pão de todo o país estão empenhados num grande movimento para a formação da Federação dos Operários do Ramo de Alimentação. Este organismo, como atrás fica explicado, vem alargar o quadro da C. G. T. Independentemente dessa função a Federação do Ramo de Alimentação vem preencher uma grande lacuna na organização dos manipuladores de pão.

Os operários daquela indústria, cuja missão profissional ainda não foi respeitada como convinha, precisam dum organismo federativo que seja o elo de todo o movimento sindical e revolucionário. E’ mister criar, em bases sólidas, uma federação de indústria que ponha aqueles operários ao abrigo das manigâncias e dos baixos designios dos seus industriais. Só uma federação poderá regular as condições de trabalho e de existência profissional dessa numerosa classe em todo o país.

Como poderão os operários do Porto e Coimbra conhecerem das condições económicas, morais e profissionais dos seus colegas de Lisboa se não existir um organismo que sirva de êmbolo ao movimento sindical dessa classe?

Certamente que isso só se conseguirá com a formação de uma federação.

E’ por isso que o gesto dos sindicatos dos operários manipuladores de pão merece o nosso franco apoio, por vir alargar os quadros da Confederação Geral do Trabalho e por vir ainda trazer para aquela laboriosa classe um organismo que muito lhe pode aproveitar se souber compreender o seu valor intrínseco.

Por todos os motivos expostos apeteçemos aos organizadores do novo organismo federativo os melhores votos de bom êxito, porque desse resultado interessam os que se levantam ao romper da madrugada para conseguirem fabricar o alimento que milhares de trabalhadores a hora matinal saboreiam.

O CHEFE DA TCHECKA

O senhor das Rússias, coração empedernido, morreu de uma lesão cardíaca

Morreu em Moscovo o mais torvo e o mais complicado organizador de polícias repressivas. Chamava-se, para que em tudo fosse sordido e arrevesado, Dzerchinski. Foi o sombrio organizador dessa polícia hedionda ao serviço do Estado russo, internacionalmente designada por *Tchecka*. Tão cruel e inquisitorial era a sua personalidade que a burguesia ocidental, talvez invejando-o, o cognominava de Torquemada vermelho.

Por sua iniciativa e ação tornou-se a Tchecka, dentro do actual regime político na Rússia, um poderoso Estado, que ditava leis e dispunha da vida dos habitantes. A Tchecka teve soberania, impôs-se ao próprio governo. Foi uma tentativa violenta e criminosa de imposição desse quarto poder que se torna famoso e repulsivo nesta época de reacção.

A Tchecka aterrorizava os próprios chefes do sovietismo. Dzerchinski era a encarnação da odiosa polícia. Lenine, Tchitcherine, Radek eram cuidadosamente vigiados, pois que Dzerchinski se considerava a alma e a consciência do bolxevismo, o possuidor da ideia mais pura da revolução. E por sua vontade a Tchecka espia Lenine, Tchitcherine, Radek, todos os chefes políticos da Rússia actual, que temiam a organização de Dzerchinski e a sua ação judicial.

Foram estes chefes que uma vez desfizeram violentamente Dzerchinski e reformaram e designaram de diverso modo a célebre e terrível organização policial, acabando assim com o reduto fôrmidável de operários e camponeses que defendia a revolução.

Segundo o depoimento de Popov, perseguido político que bastantes anos vivem nas mortíferas prisões da Tchecka, Dzerchinski era a encarnação mais completa do verdingo, exercendo o seu cargo de diretor policial com fanatismo reflexivo, feroz e intangível, e assassinando, ora com indiferença, ora com voldipa, inúmeras sentenças de morte. Invocava a necessidade de uma revolução se fazer com hecatombes e terror, para depois, justificar as suas crueldades com noções de dever.

Com a morte de Dzerchinski, desaparece

A BATALHA



DIÁRIO DA MANHÃ

A prova incontestável da inocência de Sacco e Vanzetti está sendo imposta aos juízes norte-americanos

Nunca consideramos demasiada a enumeração de todas as provas jurídicas e morais da inocência dos operários Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti. Vamos hoje reproduzir integralmente a declaração testemunhada e comprovada do português Celestino de Medeiros, acerca da sua participação na morte do cobrador de Brante. A consciência pública inferior, em última análise, da mais que incontestável inocência das duas vítimas da burguesia.

Apresentam-se os autores do crime

No dia 15 de abril de 1920, eram poucos menos de quatro horas da tarde, encontra-me em minha casa, 181 North Main Street, Providence, chegaram quatro italianos em um automóvel “Hudson”, de cinco lugares, os quais me tomaram no carro. O dono da minha casa era um judeu, de cujo nome não me recordo agora. Na referida casa vivia uma de minhas irmãs, que naquele época era viúva, e se chama Maria Bover. Casou-se depois disso e vive actualmente no número 73, Belleville Av., New Bedford. Lá viveu também um homem chamado Arthur Taft, que se suicidou no cárcere correccional de New Bedford. Esse homem era capitão, e em lugar-tenente da “America Rescue League”, e dois ou três burgueses dessa Liga, cujos nomes não me recordam, também viviam na mesma casa.

De Providence fomos a Randolph, onde mudámos de automóvel, passando para um “Buick”, comprado, ali mesmo, a um desconhecido. O “Hudson” foi, então, abandonado num bosque, mas reavemo-lo a regresso do feito, e deixámos o “Buick” a um homem que o levou para o outro lado do bosque.

Depois de cometido o acto em Soulg Brantu e chegado a Randolph no “Hudson”, fomos pela estrada de Randolph a Providence. Um rapaz de nome Tomás, e uma sua irmã viram-nos. O pai vivia naqueles lugares, creio que na rua Prang, trabalhando em portas e janelas de ferro, ou coisa parecida. Conheci esse homem quatro anos depois, na ocasião da minha ida a Randolph com Weeks, na mesma localidade onde vivia. Em conversa, revelou-me que vira o automóvel empregado no cometimento do crime em Braintree, quando atravessava vezoamento a povoação de Randolph.

Pondo-nos a caminho, fomos a Providence a Boston, voltámos a Providence e fomos logo a South Braintree, onde chegámos por volta do meio dia.

O cometimento do crime na pessoa do cobrador

Apeámo-nos junto de uma taberna clandestina (*speak easy*), a três milhas do local do acontecimento, tendo acomodado o automóvel numa travessa contígua. Chegados a Boston, seguimos para a parte sul da cidade e delivremos-nos em Andrew Square. Permanecemos no automóvel enquanto os outros buscavam informações numa loja de funileiro. Regressando, disseram-me que o dinheiro estava prestes a ser transportado para South Braintree.

Ao termos a primeira entrevista em Providence, os quatro indivíduos persuadiram-nos a ir com eles, à povoação, duas ou três noites antes. A entrevista efectuou-se num café de bilhares e, durante ela, disseram-nos os quatro homens que haviam já executado várias empresas do mesmo género.

A idade destes homens variava entre os vinte e vinte e cinco anos, e a dos outros, de trinta e cinco a quarenta anos. Eu tinha, então, dezoito anos. Não me recorda se os quatro indivíduos estavam ou não armados. O mais velho e um dos mais novos, foram, porém, disparar a certa distância. Os outros ficaram na rua. Tinhamos combinado previamente que nos encontrávamos num café de Providence, onde seria repartido o dinheiro. Fui lá, mas ninguém apareceu.

No momento do assalto, estive eu sentado na parte posterior do automóvel, posso dizer uma pistola “Colt”, automática, calibre 35. Tinham-me dito que a minha misericórdia era de conter o povo a distancia, caso se intentasse a perseguição aos assassinos. As cortinas do automóvel estavam corridas. Não me recorda se noutro assento havia alguém outra pistola.

Os homens falavam muito em New-York. O meu dinheiro apenas chegou, fui a New-York e, também, a Chicago, na esperança de encontrar os quatro homens em qualquer *cabaret*. Não os encontrei.

Haviam eles cometido vários furtos em sedas, calçado e outros géneros, dos vaipes do caminho de ferro destinados a New-York. Dois desses homens viviam em South Main St. e os outros em North Main St. O nosso conhecimento datava de três ou quatro meses; o mais velho fazia-se chamar Mike; ao outro, chamavam Williams, e Bill. Do nome dos outros não me recordo.

O dinheiro obtido em South Braintree estava numa caixa negra, se bem me recorda. Aterrizei-me, ao ouvir os tiros de revolver.

Alguns dos automóveis estavam inscritos em Massachusetts. O nome dos quatro homens não tem importância alguma, visto que eles podem mudar segundo as conveniências. Não tenho a mínima ideia sobre os parentes deles.

Sacco e Vanzetti não são criminosos

Sacco e Vanzetti não têm responsabilidade alguma no crime cometido, nem têm a menor semelhança com os quatro indivíduos referidos, cujas fisionomias tenho bem fixadas em minha mente. Firma: Celestino de Medeiros.

Esta declaração prova inofismavelmente a inocência de Sacco e Vanzetti. A campanha de solidariedade internacional do proletariado tem de manter até final.

Compositores Tipográficos

A assembleia geral da Associação dos Compositores Tipográficos de Lisboa em sua reunião de 23 do corrente mês, aprovou por unanimidade um protesto, apresentado

NOS «BAS-FONDS» DA CIDADE

Na Quinta do Marquês de Abrantes, em Marvila, vivem numa horrível promiscuidade mais de duzentas famílias

Em Lisboa não se vive. Em Lisboa atraíssse-se uma existência negativa, uma existência que não se compadece com as mais rudimentares regras de higiene social.

Há bairros populosos onde se vive uma revoltante promiscuidade, onde quinze e mais famílias habitam a mesma dependência. Há casa, com pouco mais de oito metros quadrados, em que vivem num amalgama anti-higiênico mais de quarenta pessoas, sem que sejam respeitados os mais elementares princípios de higiene, sem o pudor consigo penetrar como se impõe.

Liga das Artes Gráficas do Porto

Na sessão magna da Liga das Artes Gráficas do Porto foi aprovado unânime-

te a seguinte documento:

“A classe tipográfica do Porto e Gaia,

reunião em sessão magna, tendo conhecimento da infame condenação à morte dos camaradas Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti, associando-se assim às manifestações de repulsa que pelo mesmo motivo vêm sendo levadas a efecto pelo proletariado de todo o mundo. Deliberou ainda da conhecimento desse protesto ao ministro da América do Norte acreditado em Lisboa.

Porto, 27 de Julho de 1926.

Na Quinta do Marquês de Abrantes, em Marvila, vivem numa horrível promiscuidade mais de duzentas famílias

bairro onde reside Heitor Duarte, aquela criatura conhecida pelo nome e carinhoso de velho Heitor.

O velho Heitor, que mora numa tóscana barraca, edificada com folhas velhas e resíduos de telha de Marselha, lá estávamos na sua humilde “vivenda”, expressão nostálgica e fronte coberta de casas aguardando que mais dia dia cobrisse a sua existência.

Pela “vivenda” do velho Heitor se avalia o valor das edificações que provocam a Quinta do Marquês de Abrantes.

Todavia não é demais avançarmos por este enorme campo, ladeado por algumas barracas de tóscas construções, onde irracionalmente não poderiam viver.

Vamos ver, porém, a configuração deste incomensurável cemitério de vidas humanas. Não precisamos de por menorizar toda a miséria moral desse *bas-fond*.

Basta apenas que digamos o que são algumas das barracas desse bairro onde a miséria fermenta.

Um modo geral encontramos vivendo na Quinta do Marquês de Abrantes mais de 200 famílias. Como foi possível esse facto? Expliquemo-lo:

O sr. Bernardino Rodrigues Tavares, criatura como já dissemos proprietária do rincão manancial, tem vendido cada metro quadrado do terreno à razão de 15000.

Algumas criaturas bafejadas pela fortuna adquiriram alguns talhões de terreno e ali edificaram algumas barracas que alugam por preços excessivos.

O mais interessante é que a Câmara Municipal de Lisboa não permite essas edificações. E para provar a nossa afirmação entramos na Quinta da Marquesa de Abrantes.

Fomos até Marvila. A tarde-canicular obrigava-nos a ingerir de um sem número de refrescos. Todavia, na Quinta do Marquês de Abrantes o vento soprava do norte com tal fúria que os nossos chapéus estiveram prestes a galgar o Tejo e a chocarem com o Castelo de Palmela.

A Quinta do Marquês de Abrantes é hoje pertença do sr. Bernardino Rodrigues Tavares.

E’ uma propriedade hoje subdividida em pequenos talhões dos quais são proprietários vários cavalheiros que mandam edificar algumas barracas que alugam por preços exorbitantes.

Foi para estudar de perto, foi para examinar os seus meandros que o temos de abalizar até à Quinta do Marquês de Abrantes.

Já dissemos que esta Quinta fica situada em Marvila. Resta apenas lembrar que este bairro de miséria é aquele a que mais de uma vez temos feito menção. E’ aquele

que essa revisão traz a prova da inocência daquelas duas camaradas pela monstruosidade jurídica que representa; em virtude de estarem os dois condenados de serem trabalhadores idealistas inquebrantáveis.

Que essa revisão traz a prova da inocência daquelas duas camaradas pela monstruosidade jurídica que representa; em virtude de estarem os dois condenados de serem trabalhadores idealistas inquebrantáveis.

Considerando que o governo norte-americano com a sua recusa de revisão do processo de Sacco e Vanzetti acaba de confirmar a infame sentença que os condenou à morte;

Que essa revisão traz a prova da inocência daquelas duas camaradas pela monstruosidade jurídica que representa; em virtude de estarem os dois condenados de serem trabalhadores idealistas inquebrantáveis.

Que essa revisão traz a prova da inocência daquelas duas camaradas pela monstruosidade jurídica que representa; em virtude de estarem os dois condenados de serem trabalhadores idealistas inquebrantáveis.

Que essa revisão traz a prova da inocência daquelas duas camaradas pela monstruosidade jurídica que representa; em virtude de estarem os dois condenados de serem trabalhadores idealistas inquebrantáveis.

Que essa revisão traz a prova da inocência daquelas duas camaradas pela monstruosidade jurídica que representa; em virtude de estarem os dois condenados de serem trabalhadores idealistas inquebrantáveis.

Que essa revisão traz a prova da inocência daqu

NAS OFICINAS DA C. P.

A atitude do engenheiro-gerente e dos restantes engenheiros nas diferentes secções

O corpo directivo das oficinas gerais de Santa Apolónia compõe-se do célebre engenheiro Sequeira; espírito exaltado, violento e vingativo, que nem sequer atende ou ouve, as considerações que qualquer operário, atingido injustamente, pretenda formular directamente na defesa da verdade, quase sempre esmagada pela sua omnipotente vontade, homem que se deixa influenciar pelas apariências e pelo repugnante processo de delação, para o que diz ter uma polícia especial, o que honestamente deveria repudiar, por uma questão de dignidade pessoal e até do próprio cargo que ocupa; cérebro que só soube assimilar o estudo técnico a que se dedicou, não se integrando nos princípios morais e humanos que devem servir de norma a quem se encontra à testa de um serviço da natureza de aqueles a que nos vimos referindo, ele conta na sua curta vida de engenheiro-gerente das referidas oficinas tremendas iniquidades.

Se um dia, serenamente, desviado do buleto das oficinas, depois dum prolongado repouso que lhe proporcionasse um raciocínio claro sob os seus actos, cometidos quase sempre sobre uma tensão nervosa, que não está em relação com cargos de mando; se um dia, depois de acariciar um filhito querido se recordar lucidamente, ponto por ponto, da sua acção como engenheiro, certamente que em imagens dolorosas perpassarão ante os seus olhos as inúmeras vítimas sacrificadas à Companhia e calendará as privações que outros entesinhos terão passado num suplicio escusado e mortificador. Nesse momento — se alguma vez existir-ha de fatalmente sentir-se diminuído ante os seus próprios gestos.

Nesse momento estamos convencidos que terá uma visão do horror perante tanto sofrimento e dor, causados.

Como engenheiros de secção existem vários. A sua acção também se faz sentir contra os operários que estão sob suas respectivas ordens, sendo de acreditar até que uma grande percentagem nos castigos aplicados aejam obra sua, nas participações que constantemente estão dando. Dentre estes há os que mais se salientam com a pretensão de mostrar serviço...

Ainda não há muito tempo foi para as oficinas um engenheiro vindo doutro serviço, chamado Bravo.

Logo de entrada foi tal a sua ânsia em castigar que foi cognominado: o campeão dos castigos.

A sua obra é vasta neste sentido, a ponto dos restantes engenheiros começarem por perseguir mais o pessoal.

Como não percebe patavina do serviço, compensa a sua ignorância espionando os operários a quem lere nos seus vencimentos de formas mais interessantes. Analisem:

Um dia chegou junto dum serralheiro e como não lhe viisse as mãos muito sujas — o operário estava fazendo um serviço mais limpo — por suposição de que este havia lavado as mãos há pouco tempo — castigou-o!

Um carpinteiro, que toda a gente sabe não enfarruca as mãos no seu trabalho, foi abordado pelo mesmo engenheiro que disse lhe mostrasse as mãos. Como não as observasse como ele entendia deviam estar Ioi castigado também.

Outro caso: Um serralheiro estava sorrindo quando o engenheiro Bravo, bravissimo até... entrou na oficina. Não lhe disse nada. Tirou-lhe o número e castigou-o. O cálculo!

Um servente da oficina do estôto foi demitido por suporem que ele havia despedido as calças do trabalho dois minutos antes do toque!

Não podemos calar a nossa indignação ante tais prepotências, mas também não compreendemos a resignação do pessoal e a atitude silenciosa do seu sindicato.

Continuaremos, porém, na estigmatização de todas as violências executadas, no cumprimento dum dever de que não abdicaremos de maneira alguma.

Assim o pessoal da C. P., procedesse assim.

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

E' o título do n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo correio \$70.

Suplemento semanal
DE
A BATALHA

SUMÁRIO:
Revoluções ordeiras, por Ladislau Barata.
Inocência, por Nogueira de Brito.

Carta a uma criança de oito anos, por Júlio Eduardo dos Santos.

Na prisão de mulheres, por Luisa Michel.

Abolição do registo policial para meretrizes, por Arnaldo Brazão.

A eterna rebeldia do mar, o Fardo da Liberdade, (Comédia em 1 acto), por Tristão Bernardo.

O que todos devem saber.

Chico, & Zecas (com gravuras).

O regresso do "Avante"

Chegou anteontem a Lisboa, a bordo do vapor «Londres», José Gomes Pereira «Avante» que há perto de ano e meio foi com algumas dezenas de operários deportado para África.

De ásico abalado pelas inclemências do clima, o moral abalado também, José Gomes Pereira regressou a pranteadas instâncias da sua família por se encontrar já h á uns meses sofrendo de desarranjo mental. Encontra-se na enfermaria do Lameiro parque, onde foi conduzido num auto da Cruz Vermelha que o recolheu de bordo, depois dum viagem feita na enfermaria do vapor, sendo tal o seu estado de enfraquecimento que, mal se arrastando, foi transportado numa maca, desde a porta ao interior do Lameiro.

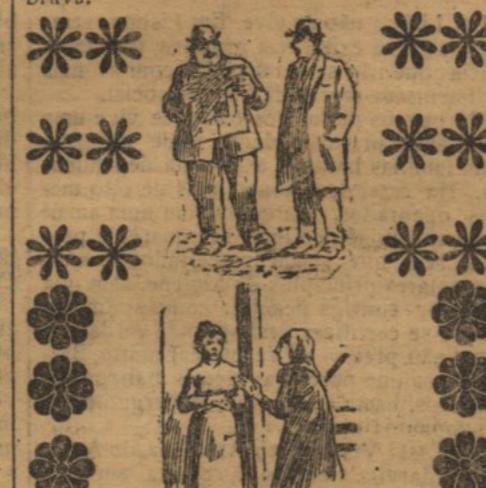
Desastre na aviação

BELGRADO, 26. — Em consequência dum explosão no motor, caiu no mar um aeronave, morrendo 4 pessoas e ficando 3 gravemente feridas. —

Uma escola dissolvida em holocausto aos interesses do clericalismo

No rua Direita da Graça, 31, funciona, há alguns anos, uma escola primária mantida, com louvável persistência, pelo Núcleo de Instrução «Lux». Esta edifício onde esteve instalada a antiga Escola Militar Paroportária n.º 1 pertenceu às extintas Congregações Religiosas.

Pois agora o Estado, cremos que à sombra do ignominioso decreto que reconheceu a capacidade jurídica da igreja de Roma, intimou a escola a deixar o edifício. Esta medida veio prejudicar cerca de 90 crianças que recebiam ali instrução, visto que a escola ficou dissolvida por ter sido ignobilmente expulsa da sede, com a agravante de ter sempre pago, com pontualidade, ao Estado a renda que éste lhe cobrava.



Trindade
Telef. T. 976
HOJE
e todas as noites
A FRANCOSA COMÉDIA
O PATRIOTA
e n. BRUETTE
POMADA AMOR
Original de ERICO BRAGA e AVELINO DE SOUSA
Música do maestro Alves Coelho
Explendidas scenários-Luxurioso guarda-roupa-Desempenho brilliantíssimo

TEATROS, MUSICA CINEMAS

O acontecimento teatral desta noite é a inauguração da época de verão, no teatro do Gimnásio, com a «premiere» da peça musicada, em 3 actos, «Três meninas... duas», que nos «Bouffes Parisiens», após mais de 300 representações, prossegue na sua carreira, atraíndo o público de todas as camadas sociais. A empresa exploradora do Gimnásio que, também, a dirige, capricha em apresentar a comédia com todo o requinte que evidenciará um aprimorado gosto. Além de ter contratado um magnífico agrupamento artístico, que o actor Carlos Santos dirige, ensaiando-o, mandou fazer expressamente todo o material, com que será exibida a peça, com cenários de Augusto Pina & Oliveira, José Mergulhão e Raúl Campos, guarda roupa confeccionado pelo «costumier» Alvaro Costa, seis figurinos de Augusto Pina, adereços de Alvaro Clemente e montagem de Laurentino Mendes. A distribuição, completa das «Três meninas... duas» é a seguinte:

«Megerippe», Joaquim Prata; «Patará», Otelo de Carvalho; «Comandante», Ribeiro Lopes; «Jacques, Mauricio e Marcelo, oficiais de marinhas», Fernando Pereira, Fernando Rodrigues e Holbeche Bastos; «Lord Cherton, distribuidor e contra-regra», Carlos Candeira; «Cómico, empreário e contramestre», Joaquim Pacheco; «Jardineiro, «compre» e marinheiro», Pestana de Amorim; «Mad. Ducros», Sofia Santos; «Leite», Isilda de Vasconcelos; «Lucette», Julieta Soares; «Lola», Maria Alvarez; «Lulu», Círia Cruz; «Miss Tahay», Irene Benamor; «Mulher do Lagote», Carlota Sande; «Comer», Joana Moniz; «Mulher nua», Esmeralda; «Costureira», N. N. Bombeiros, compondo de scena, palhaços, «girls», marinheiros, camarões, etc. «O autor» Carlos Santos.

Os espectáculos do Gimnásio serão por preços modestos, a fim de que áte as pessoas menos abastadas possam assistir ás suas brilhantes representações e assim é que o «apromonho» custa apenas escudos 2500, havendo «fauteuils» a 9500, balcões desde 4000, camarotes desde 30800 e geral a 2500.

— A noite mais agradável, passa-se no Apolo, vendendo a «Casa da Suzana», a mais alegre das peças. E como os bilhetes são baratinhos e vendidos sem locação, ali não deve faltar quem quiser passar uma noite divertidíssima.

**LITERATURA REVOLUCIONARIA
EM CASTELHANO**

Maximo Gorki
Como se forja um Mundo Nuevo

Cuentos de Italia

La vida de un Hombre innecesario

Wladimir Korolenko
El Imperio de La Muerte

Dr. G. Feydoux

La vida tragicas de los Trabajadores

Jean Masesian
La Educación Sexual

El matrimonio, el amor libre y la libre maternidad

E. Reclus

La Montaña

El Arroyo

Octavio Mirbeau

El Calvario

P. Krapotkin

La ciega, La revolucion e el Estado

Luis Fabbri

Critica revolucionaria

H. Malatesta

Ideario

F. Dostoyevsky

Les Hermanos Karamazov

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

9500

